

O FANTÁSTICO EM ANA TERESA PEREIRA

Duarte Pinheiro

Universidade de L'Aquila

17993@ufp.edu.pt

RESUMO

Classificar quanto ao gênero os textos pereirianos pode constituir um desafio difícil de des-
trinçar, sobretudo quando é a própria autora a reclamar um espaço e um gênero singula-
res para os seus textos. A partir de *Histórias Policiais*, livro de contos de Ana Teresa Pereira
publicado em 2001, propomos uma classificação adequada à matriz e tradição textual do
universo literário da autora.

PALAVRAS-CHAVE

Ana Teresa Pereira; Fantástico.

ABSTRACT

Classifying the work of Ana Teresa Pereira according to a specific genre can be a difficult chal-
lenge to take on, especially when the author demands a private space for her texts, claiming
they form a genre in themselves. Starting from *Histórias Policiais* ("Crime Tales"), a collection
of short stories by Ana Teresa Pereira published in 2001, we propose a classification that we
consider suitable for the textual matrix and the tradition of the author's literary universe.

KEYWORDS

Ana Teresa Pereira; The Fantastic

“Há entre mim e o mundo uma névoa que impede que eu veja as cousas como verdadeiramente são – como são para os outros. Sinto isto.”

Fernando Pessoa

Quando Aristóteles no século IV a.C. discorria no seu tratado *De Anima* sobre a definição de *phantasia* estava longe de poder imaginar que, volvidos tantos séculos depois, tal definição originasse uma das discussões mais controversas no âmbito dos estudos literários – o fantástico. Pensar o fantástico hoje é ir muito mais além do que a inicial definição todoroviana de fantástico como *género* narrativo baseado numa *hesitação* do leitor, do que o *sentimento de estranheza* enquanto leitor que Cortázar experimenta ou ainda da sua classificação como género literário ou simples categoria estética; pensar o fantástico implica a tarefa árdua de explicar *percepções* e não é esse o nosso objectivo aqui, até porque todas as definições de fantástico verbalizam situações narrativas literárias idênticas e partem de pressupostos comuns, tais como, e a título de exemplo, o papel do leitor perante o texto literário. Assim sendo, não é nossa pretensão uma nova definição de fantástico, porque as presentes se revelam mais do que suficientes para desvelarmos um universo literário peculiar de uma das escritoras contemporâneas mais produtivas neste campo – Ana Teresa Pereira.

Rui Magalhães foi o primeiro estudioso a debruçar-se sobre a questão do género dos textos da autora funchalense e, partindo da concepção todoroviana de fantástico, afirma que estes (à excepção de *A Última História*) “não são fantásticos no sentido normal, não são policiais, embora do ponto de vista editorial os primeiros livros da autora tenham sido publicados numa colecção policial, tendo mesmo o primeiro recebido um prémio nessa categoria.” (Magalhães, 1999, p.53). Posteriormente, Anabela Sardo, na sua dissertação de mestrado intitulada “A Temática do Amor na Obra de Ana Teresa Pereira”, partilha a opinião de Rui Magalhães, embora admita igualmente uma certa dificuldade em classificar os textos de Ana Teresa Pereira, visto que o registo neles verificado “se coloque entre “o real e o onírico, a objectividade e subjectividade, o realista e o fantástico” (Sardo, 2001, p.120), considerando ainda a sua escrita “divagativa”.

Por outro lado, Eduardo Prado Coelho parece não ter quaisquer dúvidas quanto ao género dos textos pereirianos ao incluí-los na narrativa fantástica: “[Ana Teresa Pereira] [p]artiu de um esquema vagamente policial para enveredar por uma ficção fantástica em que a paixão e a destruição andam de mãos dadas” (Coelho, 2005). Maria João Simões, num artigo recentemente publicado, corrobora esta mesma ideia e afirma:

“Nas suas narrativas, Ana Teresa Pereira joga propositadamente com medos ancestrais, com complexos e perturbações identificados pelos conhecimentos psiquiátricos contemporâneos, pressupõe no leitor e nas suas personagens o conhecimento \ erudito das histórias míticas (do cristianismo e da mitologia clássica), convocando a estranha presença de fadas, de deuses como Proteu (Pereira, 2001: 201), de anjos como Azazel – figura que se insinua reiteradamente dentro e/ou fora das próprias personagens.

Por tudo isto, exala das suas ficções um sentimento de estranheza, de descolagem da persona relativamente ao real que, segundo J. Cortázar, estará na raiz daquilo que designa por *sentimento fantástico*” (Simões, 2007, p. 77)

Por sua vez, a própria escritora, em entrevista ao *Jornal de Letras (JL)*, parece ignorar e contornar esta questão de classificação de género, reclamando para si e para os seus livros um espaço singular:

JL: Já experimentou o policial, o fantástico, a literatura infantil: sente necessidade de experimentar diferentes registos? Qual aquele em que se sente mais à vontade?
ATP: Parece pretensioso, mas acho que os meus livros constituem um género.¹

De facto, Ana Teresa Pereira tem vindo a ocupar um espaço invulgar na nossa literatura, não necessariamente porque as suas histórias constituem um género novo, mas por darem voz a um género até agora explorado esporadicamente ou, pelo menos, remetido a pequenas incursões estilísticas levadas a cabo por alguns dos melhores prosadores da história literária portuguesa – o fantástico. Eça de Queirós, Gomes Leal, Álvaro do Carvalho e até o próprio Camilo Castelo Branco (a inesquecível “A Bruxa de Monte Córdova”) criaram histórias de cariz fantástico, mas nunca assumiram o fantástico como género literário; estas narrativas, sobretudo, curtas, devem ser entendidas como obras fantásticas isoladas, não constituindo um percurso literário contínuo neste género que se possa equiparar àquele da escritora Ana Teresa Pereira.

No ano em que se comemora o bicentenário do nascimento de Edgar Allan Poe, mestre do conto moderno e um dos pioneiros do fantástico, há finalmente na nossa literatura uma escritora que tem seguido um rumo ímpar neste âmbito, sem descurar contudo um estilo e uma escrita muito próprios, assumindo ainda, e sem pudor, uma influência temático-literária das narrativas anglo-saxónicas. As histórias de Ana Teresa Pereira testam temas, topos, personagens, entre outros elementos de construção narrativa, comumente tipificados como pertencentes à esfera do fantástico.

Quase toda a narrativa pereiriana – exceptuando talvez a produção literária juvenil da autora intitulada “A Casa ...” da colecção *Labirinto* da Caminho – é marcadamente fantástica. Contudo, e para ultrapassarmos a questão editorial colocada por Rui Magalhães, isto é, o facto de a autora funchalense não ser escritora policial nem fantástica, escolhemos como título de exemplificação o conto “Numa manhã fria”, um dos três contos incluídos no livro *Histórias Policiais*, publicado em 2001 pela editora Relógio D’Água na colecção *Crime Imperfeito*. De realçar, desde já, a escolha de um conto, campo narrativo habitual do fantástico no qual Ana Teresa Pereira, excelente contista, tem sabido explorar, sendo exemplo disso as antologias *A Cidade Fantasma* (1993), *Fairy Tales* (1996), *A Noite Mais Escura da Alma* (1997), *A Coisa Que eu Sou* (1997), *Se Eu Morrer Antes de Acordar* (2000), *O Ponto de Vista dos Demónios* (2002), *Contos* (2003), *O Sentido da Neve* (2005) e, mais recentemente, *O Fim de Lizzie* (2008).

“Numa manhã fria” é a história de uma herança deixada por um “avô” a Lizzie, Miranda, John e Kevin. E esta inicia-se de um modo muito semelhante àquele de *Rebecca*, de Daphne du Maurier: “A noite passada sonhei que tinha voltado à casa do avô” (Pereira, 2001, p. 27) (“Last night I dreamt I went to Manderley again”). Tal começo demonstra, desde logo, a importância que a dimensão onírica tem não só nesta história, mas em todas as narrativas pereirianas. As personagens de Ana Teresa Pereira frequentemente sonham, embevecidas pelo turpor

¹ Nunes, M. L. “Ana Teresa Pereira, O Outro Lado do Espelho” *Jornal de Letras, Artes e Ideias* 13 Agost. 2008

do mundo real, preferem o estado onírico, o irreal, ao real, fazendo com que o leitor hesite em verificar se aquilo é fruto da imaginação da personagem ou é vivido na realidade pela mesma. São exemplo disso mesmo as histórias “Se Eu Morrer Antes de Acordar” – a influência percebe-se de imediato pelo título – ou ainda a parte final da novela *A Linguagem dos Pássaros*, na qual a personagem feminina passa alternadamente de estados oníricos e delíricos à realidade em si, causando um certo grau de ambiguidade quanto ao desfecho da história. Contudo, mais do que um mecanismo de contrução narrativa por parte da autora, o onírico é um espaço que as suas personagens anseiam e ambicionam, e é quase somente ali que a existência deles é possível; não se trata necessariamente de substituir o real pelo irreal, mas de demonstrar que o irreal é o único pedaço de realidade onde as personagens de Ana Teresa Pereira escolhem viver nas próprias histórias. Daí o início de “numa manhã fria” referir-se a um desejo da personagem, Kevin, em voltar a uma situação já anteriormente vivenciada, sendo que essa só é possível através do sonho: mais do que um estado temporário ou um momento, o sonho é em Ana Teresa Pereira, e à semelhança do que acontece em tantas outras histórias fantásticas, um modo de existir que ocupa largamente parte das suas histórias. Kevin sonhou ter voltado à casa do avô, como se esse regresso constituísse o reviver de uma história passada feliz – a autora parafraseia algures um outro escritor afirmando que “As pessoas felizes não têm história” – mas o leitor equivocar-se-á ao pensar que esta é uma história feliz, pelo menos, se pensar numa felicidade consubstancial tal como a sociedade contemporânea actual a entende; um leitor pouco habituado a ler as histórias de Ana Teresa Pereira deve relativizar o seu conceito de felicidade e, até mesmo, repensá-lo, pois a felicidade nunca constitui nestas narrativas um vulgar conceito universal.

E, porque “se não devemos voltar aos lugares onde fomos felizes (e há um quarto e uma varanda sobre os telhados que surgem nos meus sonhos), nem para junto das pessoas com quem fomos felizes (e há um monstro de olhos azuis que espero nunca mais encontrar), uma das formas em que acreditarei é o regresso aos livros que num ou outro momento foram a minha casa” (Pereira, 2002, p. 27), Ana Teresa Pereira volta a rascunhar em “Numa manhã fria” uma história já lida, um instante trágico. Pelo sonho entrámos na história do avô de Kevin, intelectual rico e solitário que, além do próprio neto, e por razões desconhecidas pelo leitor, costumava hospedar mais três crianças na sua casa, John e as gémeas Lizzie e Miranda. Wisterial Hall é o espaço de infância destas personagens que contém muitos elementos do fantástico. Situada numa charneca cheia de pântanos e vegetação, perto do mar, Wisteria Hall é habitada também por Miss Winter, a governanta da casa e a preceptora das crianças. O nome desta personagem faz lembrar-nos Rebecca de Daphne du Maurier. Fisicamente ela assemelha-se à preceptora do filme “Os Inocentes” (Jack Clayton) interpretada por Deborah Kerr, sendo esta também uma história de duplos. Elemento típico da literatura gótica inglesa, a sua função na narrativa é estabelecer um elo de ligação entre as crianças e o avô. Após a morte deste último (o nome do avô permanece incógnito), deixa a Kevin, a John e às gémeas um testamento que “não tinha nada de surpreendente, pelo menos no início. Alguns legados, a amigos e servidores. Uma quantia importante para a biblioteca da cidade.” (2001, 40); eles *a priori* herdariam Wisteria Hall e dinheiro, mas o testamento continha uma cláusula: “A nossa herança ficaria suspensa durante sete anos. Depois, no dia 5 de Maio, deveríamos encontrar-nos em Wisteria Hall. A casa e o dinheiro seriam divididos entre os que estivessem vivos./ Os que estivessem vivos. Havia algo de arrepiante naquelas palavras. Não só porque éramos demasiado novos para pensar a sério na morte...Havia mais qualquer coisa.” (Pereira, 2001, p. 40) E é neste período de sete anos que se desenrolará a verdadeira história das personagens: duas masculinas e duas femininas em confronto. Uma casa habitada por uma governanta – Miss Winter– deixada em herança. E, depois, uma cláusula que

condiciona toda a história: a herança só pode ser reclamada por quem ao fim dos sete anos estiver vivo. Este pequeno conto contém todos os elementos essenciais de um tradicional conto fantástico, sobretudo porque se alicerça numa história de duplos, mas a autora decide condicionar a história como se tivesse sido ela a acrescentar esta cláusula ao testamento. A fim de se demonstrar que esta não é uma normal história de duplos, é criada uma teia relacional de cariz amoroso entre as personagens. Inicialmente, Kevin, narrador e protagonista, apaixona-se pela solar Lizzie. São eles que constituem o par positivo da narrativa, ele escritor, ela pintora, e a sua relação algo duradoura é a única demonstração de felicidade real entre as demais personagens na trama.

“Quando vivia com Lizzie, nós ainda tínhamos esperança. Eu trabalhava no meu livro e acreditava nele, Lizzie pintava as suas aquarelas e conseguia vender algumas. Lembro-me do nosso primeiro Natal juntos. O nosso único Natal juntos. (E quando os embrulhos deixam de chegar, e as luzes da árvore de Natal se apagam, compreendemos que estamos velhos.) (Pereira, 2001, p. 61)

A felicidade é fugaz e, uma vez mais em Ana Teresa Pereira, o medo aliado à violência (evocada mas indefinida) leva à ruptura entre o casal, e Lizzie deixa Kevin:

**“ - A violência que há em ti pode tomar qualquer forma.
- E tu não queres estar por perto quando isso acontecer.
- Não.” (Pereira, 2001, p. 61)**

Depois da ruptura, Kevin, sob o ponto de vista relacional, aproxima-se de Miranda, a irmã gémea de Lizzie que, por sua vez, juntamente com John forma o par negativo da história. Miranda é bela como Lizzie, tem o mesmo cheiro a leite, o mesmo perfume suave de verão com essência de flores e laranjas; mas possui também uma sensualidade mais obscura e perturbadora.

Inicialmente Kevin, deslumbrado pela semelhança da Miranda com a irmã, procura construir também uma relação sólida com ela. Mas a negatividade presente em cada uma das personagens acaba por ser fatal para o desenlace desta narrativa, atropelando os actuais momentos de equilíbrio nas suas vidas. O desejo de perfeição ambicionado por todas as personagens, sendo esta impossível de ser atingida, leva-as à degradação. Não conseguindo ser uma actriz bem sucedida, Miranda escolhe ser *stripper* como ulterior profissão. Kevin é expulso da Universidade e começa a escrever para um dos piores *tabloids* de Londres. Até Lizzie, abandonadas totalmente as ambições de pintora, trabalha num escritório que detesta profundamente. Quanto a John, fica desde o início na sombra; é a personagem especular de Kevin, mas mais misteriosa e selvagem do que este último. Tal como Kevin ele é escritor, mas trabalha para uma revista de viagens, visitando países tropicais em actividades suspeitas, sendo mesmo preso por suposto envolvimento em narcotráfico.

É a este ponto das suas vidas que as personagens são chamadas mais uma vez ao lugar da infância, a casa onde tinham morado com o avô e onde, passados sete anos, têm agora que receber a herança. Kevin decide voltar lá com Lizzie, e os dois se dirigem à charneca com uma serenidade nova, muito parecida com aquela dos velhos momentos felizes. Mas é mesmo aqui que se passa a real ruptura do espelho e que, tal como comumente acontece na narrativa fantástica, nasce uma nova dúvida sobre a identidade das personagens. Deitado ao lado de Lizzie, Kevin repara num sinal que ela tem no pescoço.

“Mas não era Lizzie que tinha o sinal.

A mulher adormecida ao meu lado era Miranda.” (Pereira, 2001, p. 91)

Kevin está convencido que Miranda matou a irmã e John, mas Miranda responde que estes na realidade nunca existiram, que são fruto da imaginação de duas crianças muito sozinhas. Este facto cria incerteza no leitor. Estamos perante um assassinato ou é só algo encenado pelas personagens? Por mais do que uma vez, Kevin afirma durante a história que tem algo dentro de si partido. Terá sido esta fractura interior a criar John e Miranda? Afinal, Kevin é o narrador da história e Ana Teresa Pereira apenas mostra a percepção dele. Kevin é a única testemunha da realidade que ele vê, condição *sine qua non*, como afirma Cristina Robalo Cordeiro, na construção da narrativa fantástica:

“A instância subjectiva, a presença de um eu, de uma figura assumida na primeira pessoa como testemunho activo ou passivo, como narrador ou, no limite extremo, apenas sugerida como destinatário ou narratário explícito, é a condição necessária à emergência do fenómeno fantástico.” (Cordeiro, cf. Simões, 2007, p. 43)

Por fim, Kevin decide aceitar o estranho, isto é, viver com Miranda como se ela fosse Lizzie, mas tal desfecho só pode acontecer por ambos estarem a viver na casa do avô, isolados na sombra da charneca, onde tudo é e sempre foi possível.

Esta é mais uma pequena narrativa do domínio do fantástico. Ana Teresa Pereira reescreve uma nova história de duplos, na qual subjaz o tema da identidade, emergindo entre as personagens uma construção identitária estilhaçada. Esta construção tem como pano de fundo cenários, elementos e ambientes narrativos tipicamente pertencentes ao universo fantástico, tais como uma casa abandonada numa charneca, um avô misterioso que ao deixar uma cláusula no seu testamento condiciona todo o desenrolar da narrativa, a atracção pelo *estranho/outro* como normal forma de descoberta da própria identidade, o respirar do medo, a recusa do real e o onírico como lugar primordial de vivência. A autora resgata mais uma vez, através de uma linguagem límpida e imperfeita, a(s) sua(s) história(s), como se num mesmo espelho uma mesma figura transparecesse continuamente de modo diverso, conseguindo ainda, e ao mesmo tempo, recriar algo que vem sendo rascunhado de livro para livro, um amor tragicamente uno e antigo entre personagens sós.

BIBLIOGRAFIA

- COELHO, E.P. (2005). O que morrerá comigo quando eu morrer. In: *Público, Mil Folhas*. 10 de Setembro.
- CORTÁZAR, J. (1982). El Sentimiento de lo Fantástico. In: Ciudad Seva: <http://www.ciudadseva.com/textos/teoria/opin/cortaz5.htm> (15/06/09)
- MAGALHÃES, R. (1999). *O Labirinto do Medo: Ana Teresa Pereira*. Braga, Angelus Novus.
- NUNES, M. L. (2008). Ana Teresa Pereira, O Outro Lado do Espelho. In: *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. 13 Agosto.
- PEREIRA, A. T. (2001). *Histórias Policiais*. Lisboa, Relógio D'Água Editores.
- PEREIRA, A. T. (2002). *O Ponto de Vista dos Demónios*. Lisboa, Relógio D'Água Editores.
- SARDO, A. (2001). *A Temática do Amor na Obra de Ana Teresa Pereira*. Aveiro, Universidade de Aveiro/Departamento de Línguas e Culturas.
- SIMÕES, M. J. (2007). *O Fantástico*. Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa/UC.
- TODOROV, T. (1975). *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo, Editora Perspectiva.